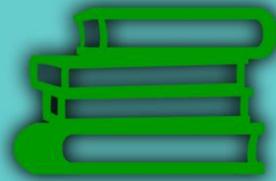


OKUVITA ACADÉMICA

Huíla - Angola
SADC - PALOP - CPLP
África



Revista Informativa | Huíla-Angola | Edição N° 02 | 2021



- TERTÚLIA COM TCHICafa: UM DIRIGENTE DESPORTIVO
- LÍNGUAS NACIONAIS EM ANGOLA
- ANGOLA - A INDIGNIDADE DOS SALÁRIOS

FÁBRICA DE ENGARRAFAMENTO DE ÁGUA 'PRECIOSA'

GRUPO 'O REGENTE'

Lubango / Huíla / Angola

+244 923 407 949

+244 923 627 378

aguapreciosa.adm@gmail.com

www.aguapreciosaangola.net



Uma empresa moderna global
que busca a excelência, precisa
ter o foco nos aspectos sociais,
ambientais e economicos.

EDITORIAL

Por Horácio Reis

4 À VOLTA DA LÍNGUA
Por Mille Tavares
Linguísta, autor e ambientalista

5 O COMPROMISSO DE UMA CLASSE
Por António Lemos
Empresário, Socolil

6 EUROPA, QUE FUTURO?
Por Valdemar F. Ribeiro
Economista, empresário e ambientalista, Fábrica de Água Preciosa

8 PENSAR A CIDADE... LUBANGO

Por José de Sá Lemos
Arquiteto, Universidade Gregório Semedo

9 TERTÚLIA COM SR TCHICAFÁ UM DIRIGENTE DESPORTIVO

Por Tchicafa
Dirigente desportivo, Soba Br. Comandante Cowboy

11 SANEAMENTO BÁSICO E SAÚDE PÚBLICA

Por Abednego Chivinda
Nutricionista

12 REVISÃO CONSTITUCIONAL DE ANGOLA NECESSIDADE OU VAIDADE?

Por Artur Tchicucuma Sangueve
Jurista, Universidade Mandume Ya Ndemo Fayo

14 DESENVOLVIMENTO DE UMA PECUÁRIA SUSTENTÁVEL EM ANGOLA

Por Álvaro Rebelo Fernandes
Engenheiro Zootécnico

15 VÍRUS LETALÍSSIMO

Por Airton Kenha
Jornalista e economista

16 IMPACTO AMBIENTAL DAS CONSTRUÇÕES: UMA REALIDADE POUÇO VISÍVEL

Por Luisberto Espinosa & Hulda Monteiro
Arquitectos, Universidade Gregório Semedo

18 LÍNGUAS NACIONAIS EM ANGOLA

Por Horácio Reis
Jornalista e empresário Hiper Protecção

19 ANGOLA - A INDIGNIDADE DOS SALÁRIOS

Por Valdemar F. Ribeiro
Economista, empresário e ambientalista, Fábrica de Água Preciosa

O tempo não perdoa e a estrada é longa; ainda ontem éramos meninos e moços e hoje estamos já a caminho de um centenário. Como o tempo é imenso. Chegamos à altura de responder a quem nos pergunta: -qual o tamanho da tua estrada? -é muito longa, respondo.

Tanto? Dizem admirados...mas ainda ontem...pois é... o tempo passa velozmente por cada um de nós e só damos por isso quando já estamos a caminho de um centenário... e nos tempos que estamos a viver, gostaríamos de ter muitos menos, saber o que sabemos e ter passado por onde passamos.

Mas nestes novos tempos, aproximam-se grandes desafios dos quais gostaríamos de participar, de dar o nosso contributo porque entendemos que o nosso conhecimento, a nossa aprendizagem e a nossa experiência não se esgotam assim numa reforma. Isto porque realmente os que vêm a seguir, precisam também de aprender e precisamos de passar o testemunho. Tivemos tempo suficiente para o ter feito, é verdade, e o fizemos de algum modo mas a verdade é que demoramos a reconhecer que estamos “mais velhos” e que atrás de nós tem gente jovem, cheia de sonhos, querendo experiências novas, com ideias novas, com novos métodos que precisam de espaço e de lugar e que estão à espera das oportunidades da vida.

Normalmente, um “mais velho” demora algum tempo a reconhecer que chegou a altura de se reformar ou de dar espaço aos mais novos, salvo as devidas excepções, mas isso é porque quando chegamos a “mais velhos” e vamos para a reforma, muitos há que morrem mais depressa por falta de motivação no viver.

Morrem mais depressa porque não foram treinados para parar ou não desenvolveram em si a consciência de que um dia precisariam parar ou diminuir o ritmo do andar físico, ficando apenas no mental. E quando deixam de fazer o que faziam durante uma vida, ficam sem rumo e acabam por morrer de tédio ou semi-abandonados, mesmo em família, porque os mais novos ocupam os seus lugares e estão agora a fazer outras tarefas, sem tempo muitas vezes, para prestarem atenção aos “mais velhos” pois têm as suas próprias vidas. Amor com amor se paga, lá diz o ditado.

Também porque no nosso país não se criaram ainda condições para que os reformados desfrutem dos anos que lhes restam, em paz e sossego, visitando o país, viajando dentro e fora em excursões, fazendo cruzeiros em grupos de outros reformados e aproveitando seriamente os últimos anos de sua profícua vida. Também porque os valores económicos das reformas, para muitas pessoas, são exíguos.

Há países onde ir para a reforma é interessante e aí o reformado rejuvenesce. Por cá, o reformado morre mais depressa. Precisamos criar as condições para que no presente e no futuro a nação possa dar aos seus “mais velhos” um final de vida mais condigno, pois há potencial económico para tal.

Afinal a vida corre tão rápida e quando a maioria das pessoas dá por ela, já está do outro lado da estrada. Estamos a caminho de um século. Até lá, a vida continua e a reforma... bom, a reforma está quase... não temos já estaleca para o que por aí vem mas podemos ajudar a olhar e a entender melhor esse futuro que já é hoje e que talvez venha a ser muito interessante quem sabe, é a nossa esperança.

Ficha técnica**Propriedade**

Editora Digital Preciosa

Editores

Valdemar F. Ribeiro
Estanislau Costa

Revisores

Abílio Lupenha
Mille Tavares

Jornalistas

Antónia Kuzanga
Airton Kenha
Jandira Ferro

Publicidade

Fábrica de Água Preciosa
Empresa de tintas Neuce
Colégio 123

Endereço

Br. Lage, Lubango, Huíla, Angola
revista.okuvita@gmail.com
valdemarribeiro@yahoo.com.br
+244 923 407 949

Links

www.academiadeautoresda-huila.net
www.academiadoambienteda-huila.net

Por Mille Tavares

À VOLTA DA LÍNGUA



Na sociedade contemporânea, a comunicação acontece de diversas formas, no entanto, é o domínio da oralidade e da escrita que possibilita às pessoas interagirem com o outro e posicionarem-se criticamente, terem acesso às informações, defenderem as suas ideias, construírem visões de mundo, formularem perguntas, articularem respostas, produzirem conhecimentos e exercerem plenamente a cidadania. Sem isto, certamente não haveria comunicação. Existem várias formas de se comunicar, podendo as pessoas recorrerem a uma à linguagem gestual ou até mesmo sonora, mas é frequente o uso da comunicação tendo como suporte ou meio de utilização a oralidade e a escrita.

Apresento para esta sessão, aspectos voltados aos vícios de linguagem que são de suma importância pelo facto de estarem voltados à forma correcta de se escreverem as palavras.

Consideram-se vícios de linguagem, os desvios das normas gramaticais ou seja, palavras que afeiam ou dificultam a manifestação precisa do pensamento.

Podem ser classificados de diversas formas mas para este artigo, trazemos apenas a problemática ligada à cacografia e à caligrafia, fenómenos de um mesmo sistema linguístico, razão pela qual não podem ser estudados de forma separada.

Na linguagem coloquial, é comum encontrarem-se expressões como: “O fulano tem uma caligrafia feia ou bonita”. Diz-se que caligrafia tem a ver com a arte de escrever bem à mão. Deriva do grego *καλλιγραφία*, onde *καλλι* é tema de *καλλος* e representa a **beleza** enquanto *γραφία* faz alusão à **escrita**. Então, o uso da expressão caligrafia linda remete-nos à redundância.

Assim, é ideal usar as seguintes expressões: “O fulano tem uma grafia linda” ou então, “O fulano tem uma caligrafia”, onde ao referir-se a alguém que escreve ou grafa “pessimamente”, são usadas expressões como: “O fulano tem uma má grafia” ou “O fulano tem uma cacografia”, referindo-se à grafia viciosa.

Cacografia, caco, do grego *κακόζ* ou *kakós*, referindo-se a **mau** e grafia, do grego *γραφή*, grafe, que significa **escrita**.

De acordo com os conceitos etimológicos, caligrafia feia remete-nos ao paradoxo (desconchavo).

Por se tratarem de vícios de linguagem, aos falantes aconselha-se a primarem pela forma correcta, embora, em alguns casos, possa haver aceitabilidade gramatical tal como defendem os descritivistas.



Por António Lemos

O COMPROMISSO DE UMA CLASSE



sua actividade no mercado oficial e que devem ser o melhor parceiro do Governo, gerando muitos empregos tão necessários ao país, criando riqueza nacional e funcionando como força motriz do nosso desenvolvimento sócio-económico, vêm-se impotentes para fazer frente aos enormes desafios que lhes são exigidos pois com o baixo poder de compra das populações e com a existência de muitas empresas e comerciantes ilegais, que muito ganham com a actual situação e que melhor sabem aproveitar-se dela, dificultando ainda mais a já difícil realidade económica e financeira do país, não honram os seus compromissos com o Governo Angolano e ainda criam sérios problemas de concorrência desmedida, ilegal e selvagem, às nossas empresas que acabam por serem penalizadas pois o bolo das dificuldades que deveria ser dividido por todos, acaba por ser suportado, unicamente, por estes.

Significa dizer que as empresas legais acabam por pagar a factura da crise que deveria ser suportada também por outras que ainda se encontram à margem da lei, neste país.

Um dia, nos anos 40 do século passado, Winston Churchill que foi Primeiro Ministro Inglês durante a Segunda Guerra Mundial dizia, referindo-se à classe empresarial:

"MUITOS ENXERGAM O EMPRESÁRIO COMO UM TIGRE PERIGOSO A SER CAÇADO, OUTROS O ENXERGAM COMO A VACA A SER ORDENHADA, POUCOS O ENXERGAM COMO O CAVALO QUE PUXA A PESADA CARROÇA".

São muitos os problemas com que se debatem os empresários nacionais que procuram desenvolver a sua actividade ajudando a socorrer uma economia que já viveu melhores dias e que hoje, por diversas razões, vive momentos de grande dificuldade.

Estes empresários, de quem se esperam investimentos significativos para diversificar a economia, criar empregos e gerar riqueza ao país, não têm condições para o fazer actualmente pois são confrontados com uma concorrência difícil de contornar, causada principalmente pela indisciplina que reina na nossa economia mas também pelas constantes

dificuldades que lhes são colocadas no dia-a-dia da sua actividade e agravado pelos elevados juros cobrados por eventuais financiamentos dos bancos, a quem poderiam recorrer para se capitalizarem, mas dificilmente conseguem atingir níveis de grandeza que possam torná-los mais valia para a economia nacional.

O facto do grande volume da massa monetária existente no país circular descontroladamente nos mercados informais e nos grandes armazéns que os abastecem, fora do controlo financeiro e tributário, deixa de gerar qualquer tipo de riqueza pois não paga impostos adequados nem cria empregos em número e qualidade que o país precisa.

Por não haver empregos suficientes ou outros tipos de ocupações com uma remuneração aceitável, o poder de compra do cidadão torna-se muito baixo, ou quase inexistente, sem condições que lhe possibilite lutar por uma melhoria da sua vida.

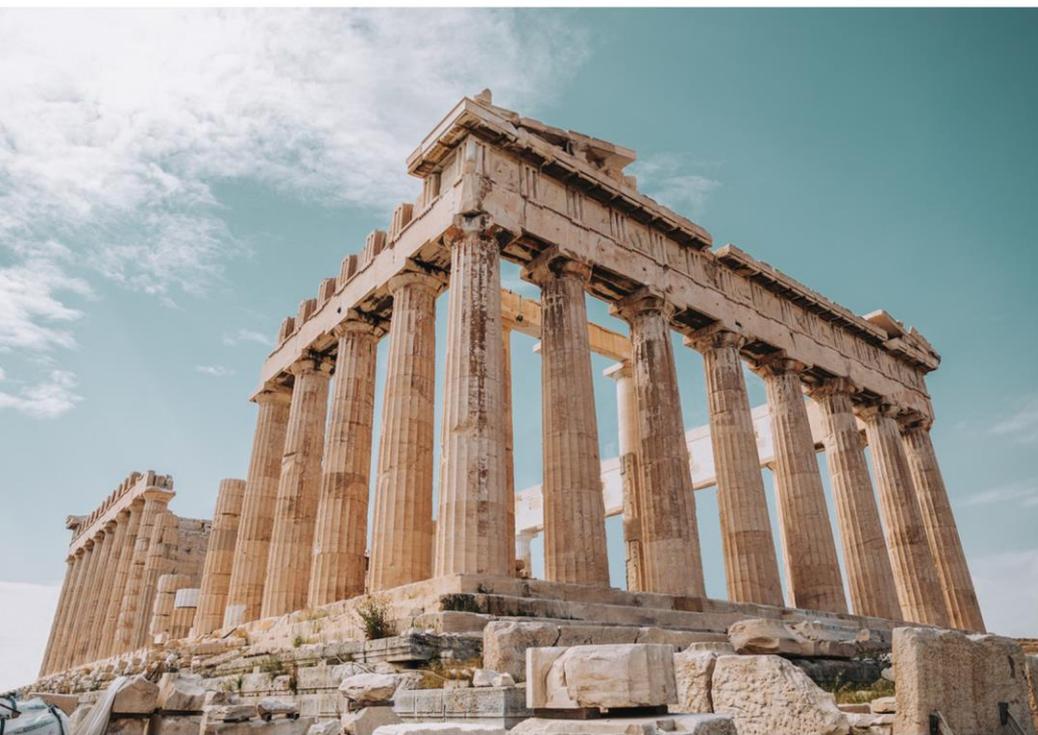
Assim sendo, os empresários nacionais que

" POUCOS
ENXERGAM O
EMPRESÁRIO
COMO O CAVALO
QUE PUXA A PESADA
CARROÇA "



Por Valdemar F. Ribeiro

EUROPA – QUE FUTURO?



América, África e Ásia, em busca de uma paz maior e de melhores condições de vida.

Milhões de europeus emigraram e ninguém os impediu, pelo contrário, foram bem-recebidos nos novos países e hoje adoptaram nacionalidade diferente, muitos deles e seus filhos consideram-se cidadãos desses novos países. Esta é uma realidade clara, objectiva e científica.

Os países da Europa, desde o século XIV, na procura de novos espaços geográficos e em busca de riquezas económicas, não por bondade cultural, invadiram e colonizaram a África e os outros continentes, América e Ásia.

Esta invasão gerou depois as chamadas guerras coloniais aonde os povos desses novos países perceberam a necessidade de serem independentes e senhores do seu destino pois suas terras foram invadidas e eram comandadas de fora e, após muitos anos de lutas sangrentas, conseguiram sua auto-determinação.

Os líderes europeus directamente relacionados com esta colonização, antes dos meados do século XX, foram alertados também pelos seus pares que a descolonização deveria ser feita de forma equilibrada, preparando e permitindo aos novos Estados Africanos e outros, seus povos e seus líderes, um assumir de sua auto-determinação da forma mais correcta e inteligente possível.

Os países colonizadores deveriam através das Instituições de Ensino e do assumir de cargos de alta relevância e responsabilidade pública pelos povos autóctones e outros, ainda durante o tempo colonial, preparar as novas nações para a sua auto-determinação e depois de alguns anos significativos nesse preparo pois as sociedades humanas precisam de um certo tempo para se transformarem mentalmente em seu colectivo, então assim se tornariam independentes através de eleições gerais livres e justas e poderiam construir depois uma federação ou comunidade de estados unidos pelas mesmas línguas e ideais e respeitando-se totalmente uns aos outros.

A Europa é denominada o Continente Velho, o que não é correcto pois a terra tem toda a mesma idade mas por questões culturais assim foi chamada pois na verdade quem deveria ser chamado de Continente Velho deveria ser África, foi neste continente onde brotou o primeiro ser humano Australopithecus, conforme reza a ciência com suas pesquisas científicas.

A Europa é actualmente uma mistura de raças diferentes na sua origem, vindas do Leste e do Sul, todas com o DNA africano e, hoje em dia, é uma união globalizada de povos e culturas.

Como países que se desenvolveram mais economicamente e criadores de um raciocínio mais democrático, a Europa de uma forma geral teve e tem um papel político, económico, social e ambiental preponderante na globalização da humanidade.

Os processos de industrialização da produção nasceram também na Ásia (China) mas nas últimas centenas de anos desenvolveram-se

acentuadamente na Europa, o que permitiu uma aceleração rápida da economia conforme a conhecemos hoje, com os consequentes desequilíbrios ambientais e sociais pois a economia gerada pela industrialização é extremamente consumista, sem limites na utilização das matérias-primas pois o que mais importa é o ganho financeiro, o poder pessoal, institucional e nacionalista.

Hoje em dia, devido aos grandes desequilíbrios ambientais e sociais, dão-se os primeiros passos no questionamento de uma economia mais consciente, menos consumista, mais equilibrada, mas são apenas os primeiros passos e não se sabe se ainda haverá tempo para um frear desses desequilíbrios gerados pelos seres humanos em todos os cantos da terra.

Após a segunda guerra mundial, 1945, onde estiveram envolvidos muitos dos países europeus cuja economia desmontou e ficou em frangalhos por causa disso, milhões de europeus fugiram para outros países na

Esta transformação política mais inteligente não foi feita, a ganância dos líderes dos estados colonizadores, com falta de uma visão ampla e global, era tão grande que forçaram os povos colonizados às lutas sangrentas pela sua independência e que resultaram na fuga de quadros.

Apesar destas desgraças causadas pelos países colonizadores e mesmo após os novos países se tornarem independentes, algumas outras nações de vários continentes tentaram criar novos tentáculos de dominação, criaram novas formas de dependência colonizadora sobre esses novos países e seus povos, baralhando os pensamentos políticos, sociais e ambientais.

Como resultado, há muitos países africanos com problemas de vária ordem, até hoje, século XXI, e sem conseguirem encontrar o rumo para um desenvolvimento sustentado.

Razão esta que “obriga” os povos, cidadãos africanos, principalmente os jovens, a buscarem alternativas para um melhor viver e por isso, hoje em dia, assiste-se a milhares de pessoas a quererem emigrar, “fugir”, para o suposto El Dorado europeu, sem importar os meios para lá chegarem e correndo riscos de suas próprias vidas nessas viagens.

Além dos povos africanos a irem para a Europa, assiste-se agora a diversos povos do leste europeu, da Ásia e da América, querendo ir para o El Dorado europeu.

A Europa, de uma forma geral, assiste a essa invasão e as soluções não parecem ser fáceis para resolver isto e, entretanto, há milhares de mortos nas travessias marítimas e terrestres com a consequente destruição das famílias dessas pessoas.

A Europa, talvez por ser um continente denominado “velho”, já se esqueceu de suas emigrações atribuladas antes e após à Segunda Guerra Mundial para outros novos países, e também foi reconstruída economicamente com os ganhos financeiros advindos desses novos países.

Toda esta confusão na emigração africana para a Europa é o resultado de uma descolonização mal feita e gananciosa por parte dos povos europeus colonizadores. Todas estas situações sociais de enorme gravidade são o resultado de decisões erradas e mal resolvidas principalmente pelos povos dominadores e que, como uma onda de mar, um Tsunami, vai destruindo e arrasando com tudo o que aparece pela frente tanto na ida como na volta.

Os principais responsáveis causadores desses Tsunamis sociais e económicos em África, na Europa e na América, seus líderes e seus povos, deveriam assumir suas acções erradas no passado ao invadirem os territórios de outros



povos mas provavelmente tudo isto vai ser “esquecido” e cada um, em cada nação, ficará com seus traumas e prejuízos de vária ordem.

Há também agora os graves problemas ambientais cuja resposta terá de ser dada pela natureza pois os seres humanos, mais uma vez causadores dos desequilíbrios, principalmente os povos mais tecnológicos, parecem não mais ter controle sobre estas crises ambientais e humanas.

Como consequência das invasões dos emigrantes geradas por colonizações e descolonizações desequilibradas, feitas por muitos países incluindo os europeus, agora tem-se também o terrorismo nacional e internacional que não olha a meios sangrentos para agredirem os povos e as nações em todo o mundo, sem importar quem é ou não inocente nestas histórias e quanto mais frágeis os povos e nações, mais sofrem com estes actos infames do terrorismo.

Tem-se também as ditas religiões radicais que falam como procuradores de seus supostos deuses e afirmam suas ideias como as melhores, superiores e únicas, para a humanidade e ai de quem não obedecer, torna-se logo inimigo.

Os radicalismos políticos e religiosos aumentam, não há comunicação e respeito entre as culturas, pois cada uma se acha superior à outra, todos se achando representantes de deuses aqui na terra, de um lado uns dizem que os seres humanos quando nascem são originários do pecado, outros dizem que o ser humano quando nasce é puro e dependerá de sua educação o ser ou não

mais evoluído, e vive-se nestas contradições absurdas que só levam aos radicalismos, aos interesses pessoais e às ganâncias nacionalistas.

Devido a estes radicalismos de culturas, surgem os partidos políticos cada vez mais radicais que são grupos humanos que comandam os países e tornam-se cada vez mais racistas como se a sua raça fosse superior, conforme supunham os arianos. Cada grupo luta para se impor como superior e todos lutam uns com os outros, sem fim à vista.

O meio ambiente, devido à industrialização desenfreada, gananciosa, consumista, industrialização que esgota os recursos naturais da terra numa economia inconsciente, está cada vez mais em crise e os cientistas e sociólogos mundiais alertam que a humanidade e todos os seres vivos aqui no planeta já estão num caminho sem volta, com consequências desastrosas para o modo de vida natural aqui na terra.

O Universo busca sempre o equilíbrio e tudo no universo gira até encontrar um ponto de equilíbrio e assim é aqui na terra, independentemente de haver ou não humanidade, pois o planeta existe desde há muito, antes do ser humano aparecer, desde há quatro mil milhões de anos e vai existir até cumprir seu próprio tempo de vida neste sistema solar.

Qual será então o destino da Europa e dos outros continentes e da humanidade?



Por José de Sá Lemos

PENSAR A CIDADE ... LUBANGO



populações cumprir com as disposições legais.

O processo de planeamento da cidade é e deve ser entendido como um processo de construção colectivo e não somente como ordenamento do espaço físico territorial.

No entanto, no que concerne à cidade do Lubango, temos assistido ao longo dos anos, apesar da existência dos instrumentos atrás referidos, a um crescimento desordenado, fruto talvez da incapacidade técnica das instituições responsáveis ou de vontades políticas obscuras, em desacordo com as mais elementares normas técnicas e jurídicas em vigor, já para não falar dos aspectos estético-formais que a cidade merece.

Apesar das obras agora em execução, que pecam por tardias (mas diz o ditado ...mais vale tarde que nunca), continuamos a assistir diariamente a colagens na paisagem urbana de edifícios de gosto duvidoso que desfiguram completamente o meio em que se inserem, com projectos executados por técnicos de origem duvidosa e aprovados não se sabe por qual entidade, em zonas nobres da cidade, demonstrando que os serviços competentes parecem estar de olhos vendados a estas situações ou então, aos planos existentes e em vigor, que estão fechados na gaveta para servirem interesses e ou desmandos de alguns indivíduos.

O verdadeiro desafio das cidades, é crescer organizadamente, oferecendo qualidade de vida aos seus utentes e não servir os interesses político-económicos de alguns indivíduos.

As instituições necessitam de mais capacidade e qualidade técnica, de recursos humanos e materiais. Existe muito trabalho pela frente, é preciso ordenar, requalificar em termos urbanos mas cremos que é um trabalho a ser feito com as novas gerações, com as crianças que estão hoje a entrar no jardim-escola. É ordenar e qualificar mentalidades, em suma, é EDUCAR.

O direito à cidade quer dizer direito à vida urbana, habitação e dignidade.

É pensar a cidade como um espaço de usufruto do quotidiano. O direito à cidade representa acima de tudo a possibilidade de transformar o nosso quotidiano de maneira a que cada habitante possa de facto desfrutar e participar plenamente do espaço onde vive. As nossas cidades de hoje não são fruto do acaso mas produto de uma história concreta, de concentração de poder económico e político. A história da cidade e do urbanismo configura-se hoje como uma proliferante produção de livros e hipertextos que primam pela excelência académica de suas sofisticadas posturas e formas de expressão, o que se diz com as palavras, e o que se vê, cidades, paisagens, imagens, etc.

A cidade é sempre fruto de um processo económico e social e, por conseguinte, nasce de uma vontade política, afastando assim a

possibilidade de que ela seja consequência de um facto que acontece de forma casual. Para que as cidades, quer em termos económicos quer socialmente, cresçam de forma organizada, existem para tal, entre outros, instrumentos designados por Planos Directores Municipais, Planos de Pormenor, etc., que definem as linhas estratégicas, de intervenção para que, de forma lógica, a cidade possa atender à demanda de todos os seus habitantes, sendo necessário o controle das diversas actividades e transformações que nela ocorrem como a respeitar os limites do meio de sustentação natural.

Dessa forma a cidade, tida como grande concentração de pessoas e actividades, é um espaço de convivência pública e deve estabelecer limites à conduta para a vida harmoniosa entre os seus cidadãos e cabe ao governo criar as directrizes de desenvolvimento da cidade e cabe às

TERTÚLIA COM TCHICafa... UM DIRIGENTE DESPORTIVO 2021

(Soba do Bairro Comandante Cow Boy, Lubango/Huíla/Angola)

Nesta segunda edição da OKUVITA ACADÉMICA, a revista conversou com uma das figuras emblemáticas do desporto na Huíla, um homem que dedicou toda a sua vida de forma abnegada e com seus poucos recursos financeiros, à causa do desporto na Huíla. Apesar de ser de poucas palavras e pessoa notadamente discreta, o entrevistado mostrou que apesar de tudo, não se inibiu em lutar e realizar de forma cabal a sua missão no dirigismo desportivo.

- Fale sobre si, sr. Tchicafa.

Chamo-me Tchicafa, apenas Tchicafa. Tenho 60 anos de idade e vivo no bairro Comandante Cowboy vulgo Calumbiro. Trabalho por conta própria ou seja, sou comerciante, dirigente desportivo e também sou soba deste bairro. Escolheram-me para ser soba e não podia negar esta responsabilidade.

- Esta ligado ao desporto, pode-nos também falar de como tudo começou?

Sou uma pessoa do desporto, não estou no desporto, mas vivo pelo desporto. O meu clube é o Benfica desde aos 15 anos e até hoje o meu coração bate pelo Benfica. Quando era dirigente do Benfica do Lubango, criei o meu próprio clube, as **ÁGUIAS SPORT DO CALUMBIRO**.

- Já foi atleta?

Já joguei mas não era bom. Atleta como tal nunca fui, por isso, desde cedo, me interessou mais ser dirigente.

- Quando começou como dirigente?

Não me recordo quando comecei como dirigente mas foi em 1984 que tive a ideia de fundar a minha própria equipa, as **ÁGUIAS SPORT DO CALUMBIRO** que até hoje continua no activo. A minha família já reuniu comigo para deixar o Desporto porque não se ganha nada mas eu sempre resisti e já lhes disse que vou morrer no desporto, sem desporto farei o quê? Já lhes perguntei isto.

- E o seu clube tem instalações próprias?

Temos um campo, o CAMPO DO TCHICafa (risos) que é antigo e sempre fui eu que coloquei lá condições para a prática do futebol, acho que também faltou mais apoio financeiro mas nunca parei, mesmo a gatinhar nunca parei, porque neste campo já formei muitos grandes jogadores que tiveram boas carreiras, o campo também ajuda muitos jovens a sair da delinquência e a ter ocupação.

- O seu clube tem apenas o futebol?

Já tivemos outras modalidades, como por exemplo o andebol feminino onde já participamos de campeonatos nacionais, assim como o futebol feminino mas, actualmente, por causa das dificuldades financeiras temos apenas o futebol, que sempre participou nos campeonatos províncias em todos escalões.

- Durante este período, enquanto dirigente desportivo, tem algum momento que para si foi mais marcante?

Não tenho, pois todos os momentos foram marcantes. Para mim a alegria foi sempre de ser dirigente desportivo, ganhando ou perdendo, a minha alegria foi sempre estar no desporto, é mesmo a minha paixão, vou morrer no desporto.



- Que dificuldades tem encontrado ao longo desta caminhada?

A minha única dificuldade tem sido financeira, sem dinheiro é difícil ter o desporto em bom nível, tento fazer tudo o que é possível mas sem dinheiro fica mesmo mais difícil.

- Quantos atletas tem actualmente?

Não tenho certeza de quantos são, só sei que actualmente só trabalho com formação. Tenho os escalões de iniciados, juvenis e juniores, já desisti do futebol de seniores apesar de a equipe sénior ter estado no Gira Bairro, ainda assim, agora o clube trabalha apenas na formação.

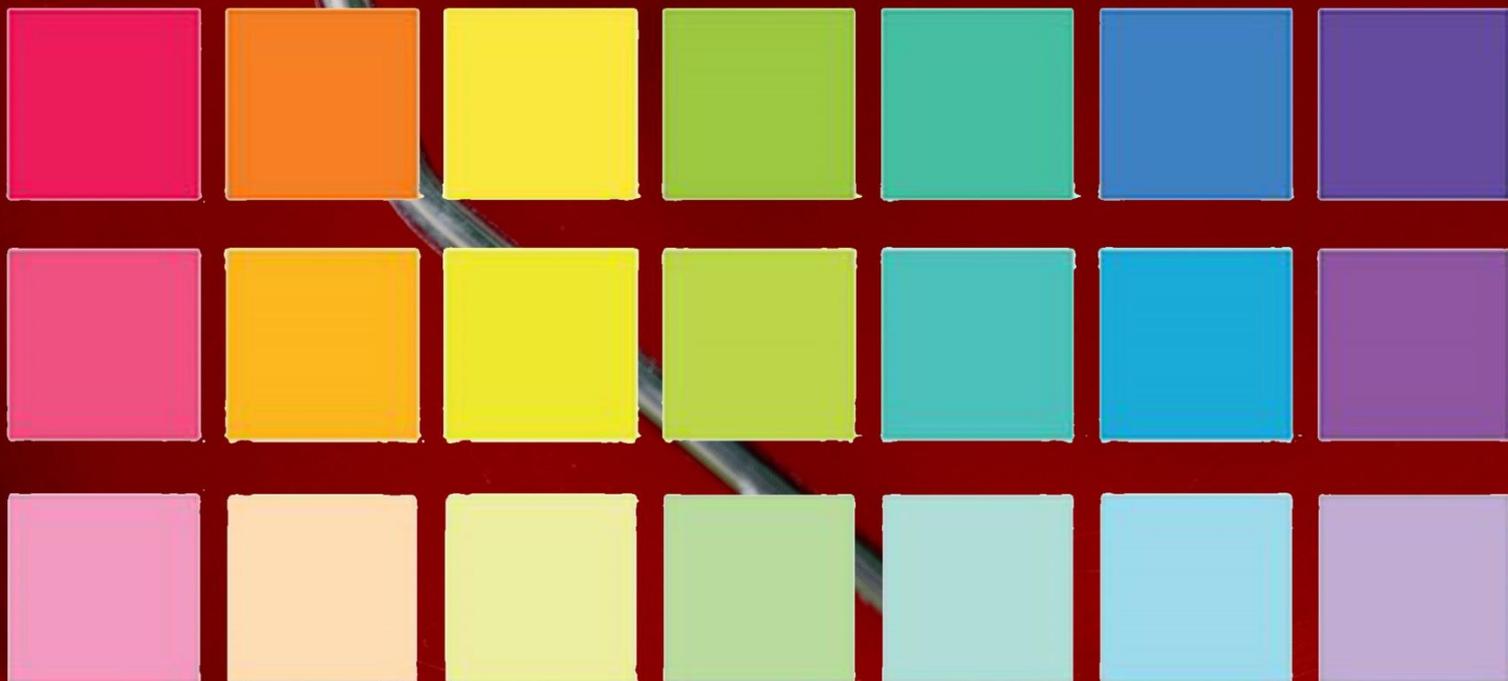
- Como faz para pagar as despesas do clube?

É desenrascar (risos), é mesmo desenrascar; muitas vezes já tive que gastar todo o lucro do meu negócio de cerveja e de gás para colocar no desporto (risos) para que os miúdos pudessem comer alguma coisa, por isso a minha família já se reuniu muitas vezes para abandonar o desporto mas não posso, é a minha paixão. Eu próprio desde o início tive que lutar sózinho e até agora continuo assim mas a minha alegria foi quando o antigo governador Ramos da Cruz deu-me o campo e disse "este campo chama-se CAMPO DO TCHICafa", o meu nome.

“ A minha única dificuldade tem sido financeira, sem dinheiro é difícil ter o desporto ”



O GRUPO NEUCE é constituído por um conjunto de empresas que se dedicam ao fabrico e comercialização de Tintas, Vernizes, Diluentes, Revestimentos, Produtos e Sistemas de Impermeabilização, Isolamento Térmico e produtos afins.



NEUCE ANGOLA

Pólo Industrial de Viana
Apartado N°34, Viana
T: (+244) 926 400 794/5
neuceangola@neuce.pt



Por Abednego Chivinda

SANEAMENTO BÁSICO E SAÚDE PÚBLICA

"Investir em saneamento é economizar com a saúde". Engenheiro José Alexandre Palanga.

Estamos em 2021. Como se pode perceber, todos os serviços de saneamento têm ligação directa com a saúde. Estudos mostram que quanto maior o acesso ao saneamento, menor a mortalidade infantil, a taxa de internações por doenças gastrointestinais e maior a longevidade da população.

E não é só isso. As doenças relacionadas ao saneamento inadequado geram infecções recorrentes e afectam o desempenho educacional de crianças e adolescentes por afastá-los por determinados períodos das escolas e o mesmo acontece com a produtividade dos trabalhadores, pois são afastados de suas funções laborais por infecções recorrentes.

O QUE É SANEAMENTO BÁSICO? O saneamento básico é um conjunto de serviços compreendidos como: distribuição de água potável, colecta e tratamento de esgoto, drenagem urbana e colecta de resíduos sólidos. **"Sanear" é uma palavra que vem do latim e significa tornar saudável, higienizar e limpar.**

Os serviços de saneamento impactam directamente na saúde, qualidade de vida e no desenvolvimento da sociedade como um todo. O saneamento seguro refere-se à segurança das instalações e dos serviços prestados, por exemplo, a rede de esgoto estar conectada ao serviço de tratamento de esgoto.

Não é à toa que o saneamento é básico, porém, é o sector de infra-estrutura com maior deficiência em Angola. É necessário despender esforços e buscar soluções que mudem essa realidade.

Cerca de 3 em cada 10 pessoas em todo mundo, ou 2,1 mil milhões de pessoas, não têm acesso a água potável disponível em casa, e 6 em cada 10 pessoas, ou 4,4 mil milhões de pessoas não têm acesso a saneamento gerido de forma segura, de acordo com um novo relatório divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e o UNICEF.



"A água potável, o saneamento e a higiene em casa não devem ser sómente privilégios de pessoas ricas ou das que vivem em centros urbanos", diz o Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus, Director-Geral da Organização Mundial da Saúde. "Estes são alguns dos requisitos mais básicos para a saúde humana e todos os países têm a responsabilidade de garantir que todas as pessoas possam acessá-los."

"Água segura, saneamento eficaz e higiene são fundamentais para a saúde de cada criança e de cada comunidade e, portanto, são essenciais para a construção de sociedades mais fortes, saudáveis e mais equitativas", disse Anthony Lake, Director executivo do UNICEF. "À medida que melhoramos esses serviços nas comunidades mais desfavorecidas e para as crianças mais desfavorecidas hoje, conferimos-lhes uma chance mais justa para um futuro melhor."

Em Angola, apesar dos investimentos e progressos registados, cerca de 44% da população ainda não tem acesso a uma fonte de água apropriada para beber. A defecação a

céu aberto, comum nos meios rurais, leva à propagação de doenças provocadas por água contaminada, entre elas, a diarreia, que se tornou a principal causa de mortalidade infantil no país. Os hábitos de higiene essenciais não são amplamente praticados e apenas 37% da população lava as mãos regularmente.

Por exemplo, Angola tem o valor mais baixo possível no que diz respeito ao indicador que mede o risco prevaiente para a população pela falta de higiene, definido pela falta de acesso a sabão e água depois do uso de uma casa de banho ou entrada em contacto com excreções.

Associada a outros riscos, como a sub-nutrição e problemas de higiene, a falta de saneamento facilita a propagação de doenças, sobretudo entre aqueles que apresentam uma saúde mais fragilizada. Para termos uma ideia, a diarreia causa anualmente, em todo o mundo, a morte de 361 mil crianças com menos de 5 anos. O detalhe é que a colecta de esgoto e o acesso à água potável poderiam evitar 88% dessas mortes.



Por Artur Tchikukuma Sangueve

REVISÃO CONSTITUCIONAL EM ANGOLA: NECESSIDADE OU VAIDADE?

A importância do constitucionalismo angolano, no contexto africano e mundial, é uma realidade que permitiu, sobretudo a partir do momento em que com a paz alcançada em 2002, reunir as condições necessárias para o desenvolvimento e consolidação de uma estabilidade, organizada segundo uma base legal-racional e superou decididamente tanto a lógica revolucionária inerente à guerra de libertação como ao momento fundador da nação e os conflitos armados subsequentes.

Nesse processo, o ano de 2008 assinala seguramente o início de uma nova etapa, com a institucionalização do Tribunal Constitucional, a preparação e realização de eleições gerais para a Assembleia Nacional e o arranque definitivo dos trabalhos que viriam a culminar na aprovação da Constituição da República de Angola de 5 de Fevereiro de 2010.

Em homenagem ao artigo 233.º da Constituição da República de Angola (CRA), o Presidente da República General João Lourenço anunciou, a 2 de Março de 2021, revisão pontual da CRA, 11 anos depois da sua aprovação. Foi uma decisão importante, apesar das suspeições e da ambiguidade que o processo, em si, apresenta.

Em nossa opinião, trata-se apenas de uma ligeira revisão constitucional, daquelas que visam melhorar a articulação das normas, sem necessariamente conferir nova dignidade constitucional na organização e funcionamento dos órgãos de soberania do Estado e no exercício dos direitos políticos dos cidadãos.

trossim, SILVA (Setembro 2016, p 13), afirma que o Direito Constitucional é um ramo especial do direito público interno, cujo estudo pressupõe a correcta compreensão das suas especificidades, sobretudo enquanto “estatuto normativo do político”. Quer isto dizer que não se trata de um ramo do direito que procura regular as relações jurídicas entre os particulares ou entre estes e o poder público,



nem entre os Estados e destes e as entidades com personalidade jurídica à luz do direito internacional, mas sim disciplinar o próprio modo de exercício do poder pelos órgãos do Estado, assegurando a validade dos actos praticados por estes nas suas relações entre si e com os cidadãos nacionais e estrangeiros.

REVISÃO DA CONSTITUIÇÃO ANGOLANA DE 2010

A revisão constitucional é aprovada por lei constitucional e pode conter a revogação, a adição ou a alteração de normas da Constituição. Deve ser promulgada pelo Presidente da República e é publicada no Diário da República. A par da Lei Constitucional publica-se, também, a nova versão do texto constitucional conforme prediz o artigo 234º da CRA.

A Constituição angolana pode ser revista cinco anos depois da publicação da última lei de revisão ordinária (n.º 1 do artigo 235º da CRA). Tal significa que não tem

necessariamente que ser alterada. Todavia, uma maioria de um terço dos deputados em efectividade de funções pode, a qualquer momento, assumir poderes de revisão extraordinária da Constituição (artigo 232.º da CRA). Só o Presidente da República e a Assembleia Nacional, na pessoa dos deputados, podem iniciar um processo de revisão constitucional (artigo 233º da CRA). Nem todas as matérias podem ser objecto de revisão constitucional. Os artigos 236.º, 237º estabelecem limites, detalhando os elementos que não podem ser revistos, tendo em conta a natureza material e circunstancial em causa.

Entretanto, a actual revisão do texto constitucional em Angola, 2021, continua a dividir opiniões de académicos, políticos e outros actores da sociedade civil, desde o seu anúncio mas o certo, é que a proposta foi submetida ao Parlamento para a votação na generalidade e o MPLA, CASA-CE, PRS e FNLA votaram a favor, enquanto a UNITA e os independentes se abstiveram.



Entre os académicos, repartem-se as opiniões, havendo aqueles que defendem como um meio de se conseguir uma lei magna, abrangente e inclusiva, enquanto outros não vêm esta alternativa.

Na linguagem do Professor e especialista em Direito Constitucional Albano Pedro (<https://jornal24horas.ao/11/03/2021>), só um referendo pode acabar com o conflito que se vive hoje, *ipsi verbis*: "Se não fizermos um referendo, não vamos poder ter símbolos que representem a todos e nunca teremos uma Constituição consensual, vai ser sempre uma Constituição feita à medida de quem governa e os conflitos vão continuar". sustenta ainda que um referendo torna os "processos políticos mais brandos".

Por outro lado, o Jurista Pedro Caparakata (<https://jornal24horas.ao/11/03/2021>) entende que o referendo nada resolve porque o "quadro desenhado pelo Ocidente" não serve numa cultura em que "o que vale é o que diz o chefe, venerar o chefe, só uma pessoa decide entre nós, é o chefe, e isto resulta do nosso carácter e não do sistema político". Não obstante a querela doutrinal que se vive nas lides académicas, merece destaque o surgimento da matéria ligada à proposta que introduz na Constituição a figura de "Governo de gestão corrente", a vigorar no início das campanhas eleitorais até à posse do novo Executivo a ser eleito e que visa impedir o Presidente em funções "de tomar decisões de fundo" tendo em conta a transição de dois mil e dezassete verso decretos promulgados pelo então Presidente da República José Eduardo

na fase de transição.

Contudo, torna-se crucial compreender que as funções atribuídas à *mater lex* (mãe das leis), ou seja, à Constituição, não se coaduna com um sistema de revisão constitucional no qual a legitimidade para o exercício desse poder esteja na dependência de "maiorias ocasionais" ou de movimentos populistas. Quer-se com isto dizer que, mesmo perfilhando a opinião de Jefferson, a ordem jurídica é um atributo de cada geração. Uma revisão da Constituição deve ser uma necessidade e não vaidade. Neste sentido, deve ter o seu alicerce amplo no diálogo nacional, deve abraçar, entre outras questões, a "CONSCIÊNCIA REPUBLICANA". O termo "república" deriva do latim *Res Publica* e significa, literalmente, "coisa pública", isto é, aquilo que diz respeito a todos os cidadãos.



“Trata-se apenas de uma ligeira revisão constitucional, daquelas que visam melhorar a articulação das normas”



Por Álvaro Rebelo Fernandes

DESENVOLVIMENTO DE UMA PECUÁRIA SUSTENTÁVEL, NO SUL DE ANGOLA

Os sistemas silvo-pastoris combinam a produção de plantas florestais, pastagens e animais, simultaneamente ou sequencialmente na mesma área. Esse tipo de integração está a ser cada vez mais difundido porque se verifica a necessidade de adequar sistemas de produção agropecuária às condições ecológicas de uma região. Para isso, é necessário utilizar tecnologias que permitam ao produtor aumentar a sua produtividade e melhorar o uso da terra nas áreas de pastagens já instaladas ou a instalar, de forma ambientalmente correcta e sustentável, harmonizando benefícios ambientais, económicos e sociais.

Geralmente a floresta é instalada nas áreas de solos pobres, sendo que os recursos provenientes da cultura da floresta, madeiras e seus derivados como sejam briquetes, varas, postes, toros e outros, são conseguidos a médio prazo. A consociação com pastagem vem, neste caso, minimizar a desvantagem, com retorno mais rápido dos recursos investidos, com a produção de carne e seus derivados.

A viabilidade de criação de gado Bovino, Bubalino ou Ovino, associado ao florestamento está comprovada.

A prática do turismo cinegético é uma valia no aproveitamento das condições naturais, que uma exploração pode apresentar.

Os sistemas silvo-pastoris podem fornecer alimento para pessoas e para o gado, madeira, lenha, postes e mourões, frutos, resinas, pasto apícola, entre outros produtos.

O preço da madeira é afectado não só pela qualidade e espécies, mas também pelo custo de colheita e transporte, facilidade de acesso durante todo o ano e pela regularidade de produção. Pode ainda ser tratada e vendida a preços superiores.

A associação de pequenos produtores poderia permitir a comercialização de volumes maiores, aumentando o preço da madeira, e ainda poderia viabilizar a utilização de serrações portáteis, que agregam valor ao



produto comercializado. A produção de madeira leva algum tempo, e para maximizar os benefícios, os sistemas implantados devem utilizar o maior número de benefícios possível da presença das árvores, como protecção dos ventos e sombra para as pastagens e animais.

Este sistema apresenta boas taxas internas de retorno do investimento efectuado, superando a renda líquida obtida nas monoculturas. Segundo os indicadores obtidos na região Sul de Angola, as plantações florestais e sistemas agroflorestais apresentam rentabilidade significativamente maiores que a respectiva rentabilidade dos cultivos anuais de feijão, milho, massango, massambala ou outras culturas.

Os sistemas silvo-pastoris diminuem os impactos ambientais negativos, inerentes aos sistemas convencionais de criação de gado, por favorecerem a restauração ecológica de pastagens degradadas, diversificando a produção das fazendas e explorações rurais, gerando lucros e produtos adicionais, ajudando a depender menos de insumos

externos (como adubos, etc.), permitindo e intensificando o uso sustentável do solo, onde o gado de corte chega a obter 30% a mais no peso, para além de outros benefícios, em comparação ao pasto convencional.





Por Airton Kenha

VIRUS LETALÍSSIMO



Depois de uma noite de mais de dez horas de sono sem interrupção, acordei relaxado, clarividente e com a mente branca como a neve, o que fazia antever que aquele dia seria prolífico em qualquer coisa que me propusesse realizar.

Num gesto involuntário e mecânico, liguei os dados do telemóvel e entrei no site do Jornal de Angola como era comum fazer ao acordar.

Depois de lidas duas notícias da secção de política e desporto, qual não foi o meu susto ao deparar-me com o título de uma breaking new sobre a possibilidade do surgimento de um vírus cem ou mil vezes mais letal que o novo coronavírus. Um novo vírus que era capaz de mudar o homem e a humanidade para sempre.

O meu cérebro bloqueou, os meus sentidos ficaram aturdidos e a minha mente tornou-se lisa como a pele de um recém-nascido. O mundo, tal como conhecia, tinha começado a terminar naquele instante. Apesar do impacto daquela notícia, recompus-me e ganhei coragem para ler o resto daquele texto cataclísmico.

No primeiro parágrafo confirmava-se a elevada taxa de letalidade do novo vírus e dizia que quem fosse infectado, tinha pouquíssimas ou quase nenhuma chances de sobrevivência.

A situação estava difícil, o mundo estaria irremediavelmente mergulhado na lama, e lama espessa. Lá continuei a aventura de ler a mais nova e definitiva sentença da humanidade. Depois de várias descrições sobre as características desse vírus letal, descobri que ao contrário do seu agora antepassado coronavírus, o novo vilão era de difícil ou quase impossível transmissibilidade, porque quem fosse infectado, tal como um pária era logo colocado de parte, era um leproso dos novos tempos, discriminado sem reservas, sem apelo nem agravo e confinado para bem longe.

Mas fiquei mais animado, pois afinal, apesar de ser cem ou mil vezes mais letal que o coronavírus, esse tal novo vírus estava controlado, a situação era segura, a humanidade tinha tudo sob controle, as regras do confinamento social em relação a esse novo vírus tinham sido escrupulosas e eficazmente cumpridas.

Foi das poucas vezes que apesar da sua heterogeneidade, das suas muitas diferenças e interesses por vezes contrários, a humanidade tinha actuado de forma coordenada, como um único corpo dançando a mesma música, obedecendo sem hesitar à uníssona ordem, a

humanidade estava de parabéns. Quem dera que actuasse assim em outros problemas comuns a todos nós, quem dera!

Mais animado, decidi então acabar de ler o dito texto. Queria na verdade saber qual era então o nome desse novo vírus. Com o avançar da leitura, fui descobrindo que, afinal de contas, esse vírus não era tão novo assim, era até mais antigo que o novo coronavírus, era tão antigo quanto a própria humanidade.

Fiquei contrariado e intrigado e meu rosto e as palmas das mãos começaram a transpirar, os meus batimentos cardíacos aceleraram e a ansiedade me impeliu a saltar para o último parágrafo. O tal vírus, cem ou mil vezes mais letal que o novo coronavírus, fora, por precaução, sempre escondido pelas elites governantes. Foi descoberto nas profundezas de sombrios laboratórios, apanhava-se por via do estudo apurado, por via do comprometimento académico, por via do espírito crítico, por via da suspensão dos preconceitos construídos pelo senso comum e pela intolerância.

Esse novo vírus era muito letal contra os políticos sem ética nem moral, sem noção do bem comum. Um vírus fatal contra os arautos do evangelho do dinheiro. Era um vírus letal contra as futilidades daqueles que deixam a vida lhes levar. Um vírus altamente perigoso para quem fosse seguidista, mortífero contra quem tem preguiça de exercitar o pensamento.

O vírus letal tinha vários nomes. **Alguns chamavam-no de sabedoria, outros de conhecimento científico, nalguns lugares era conhecido como ética de trabalho, disciplina e comprometimento.**

Era um vírus amplamente combatido, quem estiver infectado estaria voltado ao exílio social ou familiar, era um vírus que metia mesmo medo para a grande maioria, simplesmente porque não tinha cura e quem estivesse infectado estaria irremediavelmente condenado!



Por Luisberto Ponce Espinosa
e Hulda Monteiro



IMPACTO AMBIENTAL DAS CONSTRUÇÕES: UMA REALIDADE POUCO VISÍVEL



Desde tempos remotos, o homem tem utilizado a arquitetura e engenharia para solucionar problemas que a sociedade enfrenta diariamente em termos de construção. Evidentemente, quando um país tem uma economia sustentável propícia, o crescimento da construção civil promove, per si, um avanço na geração de emprego, tornando-se importante para o desenvolvimento económico e social.

Este crescimento faz com que a fabricação e comercialização de materiais e produtos para a construção aumente, sendo necessário um aumento na extração de matérias-primas para tal finalidade. No entanto, o crescimento desordenado da cidade de Lubango, especificamente a sua periferia, tem causado grandes mudanças e impactos negativos ao meio ambiente e de carácter social e económicos, visíveis e não visíveis.

O sector da construção está directamente

ligado à economia e conforme o país se desenvolve há um crescimento da indústria da construção, na busca das melhorias nas infraestruturas e no conforto habitacional.

A indústria da construção civil aqui em Angola ainda é arcaica comparada com outros países, com processos primários de execução, produção e até reciclagem de materiais. O uso de projetos ineficientes, a falta de planeamento e controle, mão-de-obra pouco qualificada são factores negativos e geradores de resíduos e desperdício de material e tempo de trabalho.

O sector de arquitectura possui variadas opções sustentáveis de projectos capazes de reduzir o consumo de energia, água e resíduos mas a construção em Angola ainda possui poucas medidas inovadoras que possam ser implementadas nas fases de pré-execução, produção e demolição.

Existem alterações ao meio ambiente que

podem ser provocadas ou não pelo homem e, na maioria dos casos, os impactos ambientais são provocados pelos humanos. As alterações sobre o meio ambiente abarcam desde as fases ou etapas de construção (movimento de terra, fundações, estrutura, instalações e acabamentos) de determinado empreendimento construtivo até aos momentos de manutenção, reforma, ampliação, desocupação e demolição.

Segundo ISABELA, Santos (2015) a construção civil em Angola é considerada uma das actividades que mais geram resíduos e alteram o meio ambiente, em todas as suas fases, desde a extração de matérias-primas até ao final da vida útil da edificação. JOHN (1996) salienta que os valores internacionais para o volume do entulho da construção e demolição oscilam entre 0,7 e 1,0 toneladas por habitante/ano.

Além da extração e posterior transformação



dos materiais, há uma constante alteração nas paisagens, gerando alterações estéticas e sanitárias no ambiente que podem gerar efeitos negativos em relação à reacção da natureza para com tais actividades humanas. Todos esses processos dão impactos ambientais e afectam a saúde e bem-estar da população. (Santos 2015).

Existem resíduos sólidos e líquidos oriundos da construção que propiciam impacto ao meio ambiente, e, entre estes, temos os tijolos, massas, concreto, blocos cerâmicos, blocos de betão (cimento), solos, rochas, metais, resinas, colas, tintas, madeiras, gesso, telhas, pavimento asfáltico, vidros, plásticos, tubulações, entre outros, e são chamados como entulhos de obra.

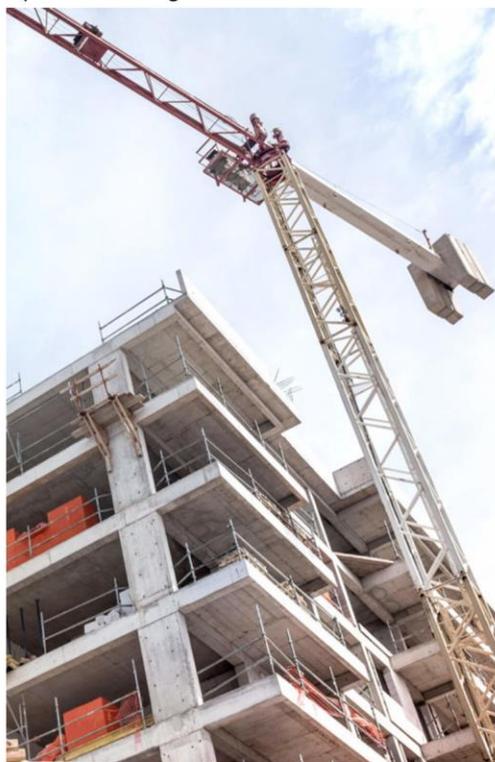
Alguns destes materiais podem ser reciclados ou reutilizados em obras de construção e o responsável da obra não é só responsável legal pela parte construtiva mas também responde pela recolha destes resíduos. A escolha dos resíduos que podem ser reutilizados depende das necessidades construtivas da empresa ou da existência de algum projecto de arquitectura sustentável.

Os impactos em obras começam desde os trabalhos de movimento de terra até a fase de acabamento e também nas construções em fase de demolição, seja total ou parcial.

A construção civil é uma manifestação de desenvolvimento e progresso na qualidade de vida das pessoas embora, as obras de construção, sem importar a sua classe e magnitude, gerem um alto impacto no meio ambiente porque utilizam recursos naturais

renováveis e não renováveis, em grandes quantidades, altos consumos energéticos durante e depois das construções, propiciam emissões de CO₂ (dióxido de carbono) e deixam ao meio ambiente resíduos líquidos, sólidos e gasosos que na maioria das vezes em Angola, não têm tratamento algum.

Segundo SNEIDER Jeison e DUVÁN Harold (2016), os impactos que geram as obras de construção dependem de factores como: características das obras construtivas, entorno e ubiquação da obra, condições climáticas e tipo de tecnologia a utilizar.

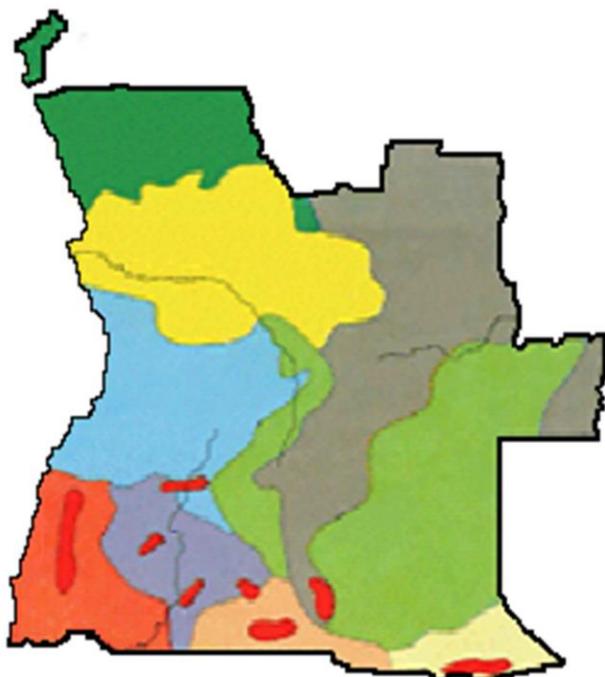


“Os impactos em obras começam desde os trabalhos de movimento de terra até a fase de acabamento e também nas construções em fase de demolição”



Por Horácio Reis

LÍNGUAS NACIONAIS EM ANGOLA



A propósito do Dia Mundial da Língua Portuguesa e qual o futuro desta em Angola?

Realmente, há coisas, há situações que são muito difíceis de abordar, pela sua complexidade e porque muita das vezes ferem susceptibilidades.

As nossas línguas nacionais, mormente as que têm mais falantes no país, o Umbundu e o Kimbundu, têm origem Bantu, vieram de fora, tal como o português que veio com o colono.

O Umbundu será a língua nacional com mais falantes pois, segundo os dados do Censo, esta língua e os seus derivados é falada no Centro e parte do Oeste, Leste e Sul do país onde vive a maior parte da população angolana, embora Luanda alberga cerca de 9 milhões de habitantes de diversas etnias. Aqui na Huila e nas províncias fronteiriças, vivem a maioria dos falantes de **Umbundu**.

Nesses 9 milhões que vivem em Luanda, uma boa fatia é Umbundu e muitos foram ali parar

devido aos conflitos armados de um passado recente. Como referimos atrás, são línguas de origem Bantu, vindas da parte setentrional do continente e temos depois o Lingala, que também não é nosso e veio de dos Congos.

Ora bem, a questão é que chamamos a estas línguas de nacionais mas todos ou quase todos os cidadãos angolanos, mal ou bem, falam português. Nos areópagos internacionais, fazemo-nos ouvir em português. Talvez por uma questão de orgulho, teimamos em não dizer que o português também é uma nossa língua nacional. Só porque foi e é a língua do colonizador mas as ditas línguas nacionais também são de origem externa, embora continental. Exceto os koisan que será a única língua original e o número de falantes é menor que o da língua oficial portuguesa, que é maioritária, todos falamos português, mal ou bem, todos falamos português.

É apenas uma opinião que pode servir de ponto de partida para uma abordagem mais

académica, por experts na matéria. E isto terá que ser falado, abordado, com acuidade e de uma forma frontal, responsável e científica, sem complexos. Porque nos preparamos para introduzir as línguas nacionais nos currículos escolares. Ou seja, devemos preservar, defender a todo o custo, as línguas nacionais porque elas são uma riqueza imensa que não se podem perder. Mas a verdade é que, em nossa opinião, é já muito difícil fazer com que as nossas crianças passem a aprender e a falar uma língua materna de forma corrente e holística. Isto porque a maioria da nossa população, a que está nos 40 e 50 anos, praticamente não aprendeu a sua língua materna pois não lhe foi transmitida.

É uma questão que se afigura difícil e sobre a qual muito pouco se fala. Se calhar porque é mesmo um tema sensível.

A ONU tem estado a alertar para a defesa das línguas nacionais, dos dialectos, porque anualmente se perdem muitos desses valores a nível mundial. Urge realmente fazer algo para preservar as línguas nacionais e os dialectos. E somos um país rico nesse campo.

Tal como dissemos no início, trata-se de uma questão sensível de abordar pois existem muitas opiniões e naturalmente que todas elas são importantes para uma abordagem responsável e académica.

Já existem orientações específicas para introdução nos currículos escolares, das línguas nacionais.

Também se ouve, nos órgãos de comunicação, programas em línguas nacionais. Esta será uma boa forma de não deixar morrer essas línguas porque, naturalmente, os falantes, que utilizam normalmente o português, ao escutarem a sua língua materna, acabam por exercitar, por avivar, a sua língua de origem.

Porque, na verdade, nas zonas rurais, os camponeses, quase de certeza que nas manhãs da TPA, não terão nem tempo, nem televisores, nem energia, para ver e ouvir.

Mas isto são opiniões e valem pelo que valem...



Por Valdemar F. Ribeiro

ANGOLA - A INDIGNIDADE DOS SALÁRIOS



E stamos em 2021. Os salários de um trabalhador de base em Angola podem rondar entre dez mil kwanzas e sessenta mil kwanzas e cem dólares americanos valem oitenta mil kwanzas.

Um trabalhador de base, por sistema, costuma a ter entre cinco a dez pessoas na sua família, pois em África as famílias são muito numerosas apesar das dificuldades extremas económicas, sociais e ambientais.

Angola é e será durante um bom tempo um país essencialmente importador de quase todos os seus produtos essenciais.

Há famílias que vivem diariamente apenas de fuba (mandioca) e pouco ou nada mais, com um fraco desenvolvimento mental devido à má alimentação e não são muitas as crianças que têm acesso ao leite nos seus primeiros anos de vida além deste leite materno, por si, ser fraco muitas vezes.

O Governo angolano criou um programa financeiro de ajuda para as famílias mais pobres de cerca de oito mil kwanzas mensais, equivalente a dez dólares.

As Empresas não podem aumentar seus preços de venda para facturarem mais e

poderem aumentar os salários de seus trabalhadores pois os cidadãos têm um diminuto poder de compra devido ao kwanza desvalorizado e porque muitos dos produtos alimentares são indexados ao dólar americano e ao euro, além do DNA dos mercados muitas vezes serem extremamente gananciosos e muitos comerciantes, em todos os países, buscarem o lucro fácil e imediato, sem importar as consequências para os cidadãos normais.

As empresas e as Instituições não podem simplesmente aumentar os valores dos salários de seus trabalhadores pois isso forçaria a uma maior inflação e também as empresas não têm aonde ir buscar mais dinheiro com suas vendas, portanto, aumentar salários não é a solução ideal, correcta e mais viável.

Como pode uma família de quatro pessoas, ou mais, viver com cem mil kwanzas, cerca de cento e vinte dólares americanos, quando os produtos alimentares essenciais, na maioria são indexados ao dólar e sem falar dos outros produtos tais como escola, roupa, sapatos, transporte, livros, brinquedos, residência, luz, água, saneamento básico, etc.? Falamos de um

país em que a maior parte de seus bens essenciais são importados.

É indigno, para um cidadão preocupado com o desenvolvimento de sua nação, assistir a tudo isto e nada, ou pouco, poder fazer e constatar que Angola, um país com tanto potencial económico, social e ambiental, não consegue construir um caminho mais equilibrado e mais justo. Onde está o “NÓ DE GÓRDIO”?

Assiste-se diariamente a muitas pessoas quererem ser os chefes ou administradores públicos e a quererem ocupar a todo o custo os cargos públicos mais importantes do país pois assim acham que se safam da miséria de um salário indigno e em Angola há uma política da personalização do chefe, tudo depende do chefe, tudo tem de ter a aprovação do chefe e nada pode andar sem o chefe autorizar, mas depois assiste-se a actos administrativos económicos, sociais e ambientais de dimensão insuficiente para resolver de uma vez por todas estas indignidades, principalmente a do salário depauperante que representa o poder económico do cidadão.

E constata-se todos os dias que muitas crianças e famílias se degradam e conspurcam na construção de suas vidas, vidas estas que não pediram para nascer.

Os Administradores públicos deveriam saber que uma economia se constrói produzindo-se mais e diversificando os produtos mas a chave desse desenvolvimento está num aumento do poder de compra do cidadão, senão o que adianta produzir e diversificar mais se as pessoas não podem comprar?

Por sua vez, quem produz não pode diminuir os preços dos produtos abaixo de um determinado patamar senão vai para a falência e deixa de estar interessado em produzir e ter mais trabalho, pois o ganho é insuficiente.

A política económica angolana quer apoiar a criação de novos investimentos nacionais e estrangeiros ou seja, quer a criação de novas empresas pequenas e médias para aumentar a produção e diversificar sua economia.

Esta política angolana está a esquecer de



apoiar as pequenas e médias empresas nacionais que já estão instaladas e a funcionar e conseguiram sobreviver a esta economia desconstruída.

Estas empresas já instaladas deveriam prioritariamente serem apoiadas em grande escala mas assiste-se muitas vezes a determinadas Instituições do Estado a “estrangularem” estas Empresas que pagam impostos e salários normalmente e cumprem com seus deveres cívicos. Estas Instituições do Estado “pensam” que se estas empresas pagam tudo certinho e de forma legal é porque têm mais dinheiro ou estão ricas e podem pagar mais se o Estado as “apertar” burocraticamente. **Este é um grande erro das Instituições do Estado mas assiste-se a isso muitas vezes em Angola e em África.**

As Empresas informais, muitas vezes administradas por cidadãos irregulares e ilegais, estão interessadas nesta desorganização da economia e neste tipo de comportamento estatal burrocático, pois assim sobrevivem melhor na informalidade e as Instituições do Estado pouco as incomodam.

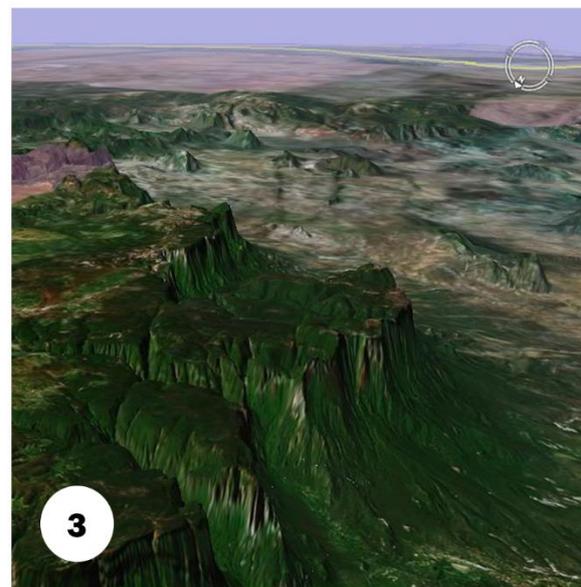
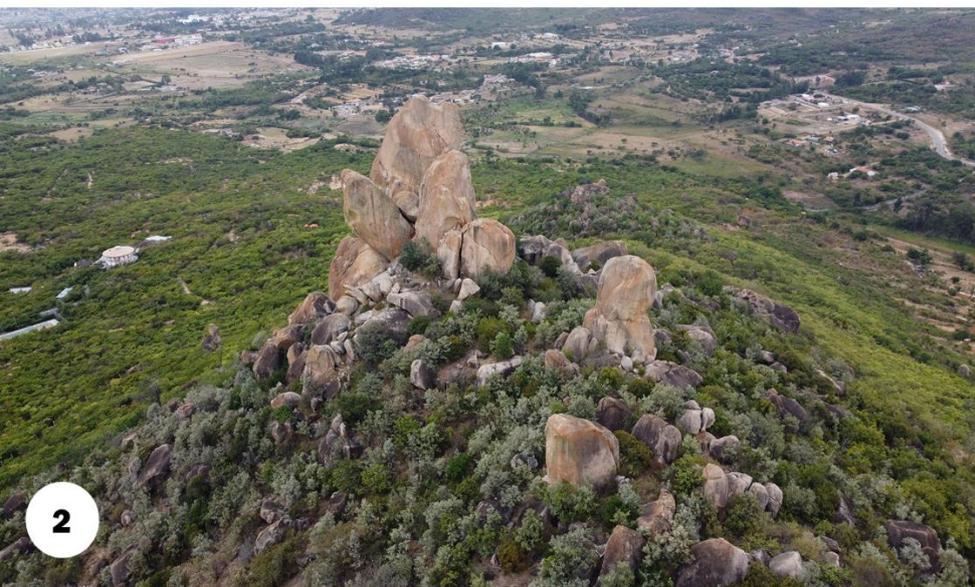
A única maneira de melhorar e desenvolver sustentadamente a economia angolana, é o Governo construir soluções que permitam uma maior valorização do dinheiro, do Kwanza e consequentemente melhorar o poder de compra do cidadão e só ele, Governo pode resolver isso, mais ninguém.

Angola tem um potencial grande em ouro e outras riquezas minerais e deveria saber explorar melhor este potencial através de acordos bilaterais de grande responsabilidade e

deveria procurar assessoria administrativa, séria, interna e externa, para resolver esta situação imediatamente e não ficar a desculpar-se com Covid-19 e outros imbróglis.

“O cerne da política económica angolana deve ter um maior desenvolvimento económico, social e ambiental sustentados, concertado e focado na recuperação do valor da moeda Kwanza e, consequentemente, melhorando o poder de compra de todos os cidadãos.”





- 1 Três picos
- 2 Mão de Deus
- 3 Fendas do Tchivinguiro

PONTOS TURÍSTICOS DA HUÍLA



COMPLEXO ESCOLAR PRIVADO 1-2-3 LUBANGO

"OS TRÊS PRIMEIROS PASSOS DE GENTE GRANDE"

Ensino primário, primeiro e segundo ciclo do ensino secundário.

A Directora Cármen Fernanda Cardoso deu início a esse grande projecto em 1994 como uma simples explicação, isso devido algumas debilidades que alguns alunos de outras instituições apresentaram. Evoluindo com as suas ideias, a directora viu a necessidade inadiável de dar o seu contributo na formação de quadros, fazendo assim a petição as autoridades de direito para a abertura de um colégio para o ensino particular com o nome de colégio 1-2-3.

Em 1994, face a solicitação feita pela directora, foi lhe autorizada a abertura do colégio, dando início as aulas no dia 01 de abril de 1997, no primeiro e único bloco na altura.

No dia 31 de Maio houve a inauguração oficial do colégio e finalmente em 1999 surge o despacho do sr. ministro da educação e legalização do estabelecimento de ensino.



Telefone: 222-781-799

Email: complexoescolarprivado123@gmail.com

Email: complexoescolarprivado123@hotmail.com

Site: www.colégio1-2-3.com

Secretaria: +244 923 528 237

Apoio técnico: +244 931 918 536/ +244 942 152 188